

A RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS E A ESCRITA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

THE RELATIONSHIP BETWEEN THE PERCEPTION OF MID-VOWELS IN PRE-STRESSED POSITION AND THE WRITING OF BRAZILIAN PORTUGUESE (PB)

INGRID CRUZ DO NASCIMENTO
Universidade Federal da Paraíba
ingridcruznascimento@gmail.com

PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE
Universidade Federal da Paraíba
pedrofelipelh@hotmail.com

Esta pesquisa associa-se ao Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB) e apresenta um recorte do estudo realizado por Nascimento (2017). O objetivo deste trabalho consistiu em verificar a influência da percepção das vogais médias, em posição pretônica e em contextos de harmonia vocálica (HV), na escrita de estudantes do Ensino Fundamental II. Para isso, realizamos um teste com 40 estudantes de uma escola pública de João Pessoa, PB, no qual eles deveriam escutar os estímulos (com as vogais pretônica produzidas como altas) e escrever a palavra correspondente. Em relação à fundamentação teórica, mencionamos Labov ([1972] 2008), Eckert (2012), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2012), Roberto (2016), Camara Jr. (1970) e os estudos de Bisol (1981), Pereira (1997) e Schüller (2013). Dentre os resultados obtidos, constatamos que os estudantes do último ano do referido ciclo de ensino obtiveram um nível maior de acerto em relação à escrita que os alunos do primeiro ano, ressaltando a importância de se trabalhar a relação entre oralidade e escrita na sala de aula.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista, percepção das vogais médias pretônicas, ensino da língua portuguesa, oralidade e escrita.

This research is related to the Linguistic Variation in the State of Paraíba Project (VALPB) and presents a part of the study developed by Nascimento (2017). Its goal was to verify the influence of the perception of mid vowels, in pre-stressed position and in the context of vowel harmony, on the writing of middle school students. For this purpose, we conducted a test with 40 students from a public school of João Pessoa - PB, in which they had to listen to the stimulus (a mid-vowel in pre-stressed position produced as a high vowel) and then write it. The theoretical framework was based on Labov ([1972] 2008), Eckert (2012), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2012), Roberto (2016), Camara Jr (1970), Bisol (1981),

Pereira (1997) and Schüller (2013). The main results show that the students from the last grade of the middle school had a higher hit rate in comparison with the students from the first grades, what highlights the importance of teaching the relation between orality and writing.

Keywords: Variationist Sociolinguistics, perception of mid-vowels in pre-stressed position, portuguese language teaching, orality and writing.

Recebido: 15 janeiro 2020 Aceito: 28 fevereiro 2020

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desenvolvida nos Estados Unidos na década de 60 por William Labov, a Sociolinguística Variacionista (ou Teoria da Variação), vertente da Linguística contemporânea, se ocupa em descrever, por meio de pesquisas que, atualmente, envolvem a produção, a percepção, o estilo e as atitudes linguísticas, os usos espontâneos de fala e, como o próprio nome incita, suas variações nos mais diversos contextos. Essas variações estão presentes em todos os níveis da língua, inclusive no fonológico, e o comportamento das vogais médias pretônicas é um exemplo disso, já que três formas podem ocorrer nesse contexto: [i, e, ε], como em “m[i]nino”, “m[e]nino” e “m[ε]nino”; ou [u, o, ɔ], como em “c[u]ruja”, “c[o]ruja” e “c[ɔ]ruja”.

Essa variação que ocorre na língua falada por vezes é transposta para a língua escrita, principalmente por alunos que estão começando a adquirir esta modalidade de linguagem, justamente no momento em que as primeiras paridades entre grafemas e fonemas são estabelecidas. Entretanto, espera-se que o conhecimento ortográfico do Português escrito seja majoritariamente consolidado ao final do primeiro ciclo do ensino fundamental I, algo que não é constatado na escrita de boa parte dos alunos egressos do ensino fundamental. Dentro desse contexto, pode-se questionar: qual a motivação para a escrita das vogais médias pretônicas com /i, u/ até mesmo nos anos finais do Ensino Fundamental II?

Pensando nisso, a variação da produção das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica, no Português do Brasil (PB), estudada pioneiramente por Bisol (1981), tem sido um alvo recorrente de pesquisadores dessa área, principalmente por ser uma das variantes que marcam a identidade dos falantes do eixo Sul-Sudeste do país. Segundo Câmara Jr. (1970), Bisol (1981) e Pereira (1997), as vogais médias /e/ e /o/ podem ser produzidas, respectivamente, como [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u]. Quando há um gatilho para o alçamento na sílaba seguinte ou na sílaba tônica, os fonólogos caracterizam esse processo como harmonia vocálica. Em outras palavras, tal processo ocorre quando a altura das vogais é a mesma, como em b[e]l[e]za e c[e]rt[e]za, por exemplo.

Na cidade de João Pessoa – PB, comunidade de fala da nossa pesquisa, Pereira (1997) verificou o mesmo fenômeno linguístico, analisado inicialmente por Bisol (1981). Conforme exposto anteriormente, existem três produções das vogais médias /e/ e /o/, respectivamente, como [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u]¹, sendo as vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ] as mais recorrentes na comunidade de fala mencionada.

¹ Podemos mencionar, dentre outros, os seguintes exemplos: b[ɛ]bida, b[e]bida e b[i]bida; b[ɔ]neca, b[o]neca e b[u]neca.

Contudo, os estudos desenvolvidos no Brasil que direcionam o seu foco à percepção dos ouvintes acerca da variação da fala ainda são escassos. Entre eles, podemos mencionar os trabalhos de Lopes (2012), Oushiro (2015), Henrique (2016) e Amorim (2017). Ao restringirmos os estudos de percepção acerca da variação das vogais médias /e, o/ em posição pretônica no Português Brasileiro, destacamos a pesquisa desenvolvida por Schüller (2013). O propósito desse trabalho é investigar a percepção que os falantes nativos do Rio Grande do Sul – RS têm do fenômeno mencionado em palavras com o contexto para os processos de harmonia (HV) e de alçamento vocálico (AV).

Em relação às contribuições da Sociolinguística Variacionista para o ensino de Língua Portuguesa (LP), os trabalhos empíricos, com foco na produção, têm auxiliado no entendimento de alguns processos de transferência da fala para escrita. Entretanto, nenhum estudo de percepção da fala foi usado para tentar compreender os processos de substituição que ocorrem na escrita de alunos do Ensino Fundamental I e II².

Com base nisso, esta pesquisa, cujo foco é verificar a influência da percepção das vogais médias /e, o/, em posição pretônica, na escrita de estudantes do Ensino Fundamental II, na comunidade de fala pessoense, apenas em contexto de harmonia vocálica com elevação da vogal, se configura como um recorte do estudo desenvolvido por Nascimento (2017). Para isso, serão apresentados os resultados de um dos testes realizados pela autora, no qual foi solicitado que o estudante escrevesse a palavra, após escutá-la com pronúncia da vogal pretônica como alta. Desse modo, a hipótese era de que os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) obteriam um nível maior de adequação ortográfica em relação ao estímulo escutado.

Subdivide-se, portanto, a pesquisa aqui apresentada em cinco seções. Na primeira, são discutidas algumas questões pertinentes à Sociolinguística Variacionista e aos estudos que envolvem percepção. Na segunda, estudos que teorizam a influência da oralidade na escrita são revisados. Na terceira, é apresentado um resumo de alguns estudos desenvolvidos no Brasil, mais detidamente, na cidade de João Pessoa – PB, acerca das vogais médias pretônicas. Na quarta seção, a metodologia utilizada para o delineamento desta pesquisa é detalhada. Por fim, na última, encontram-se os resultados do teste de percepção respondido por estudantes do ensino fundamental II de rede pública, na comunidade de fala pessoense.

2. TEORIA DA VARIAÇÃO: DE LABOV A ECKERT

Esta seção, fundamentada em Labov ([1972] 2008), situa, primeiramente, o lugar da Sociolinguística Quantitativa dentro dos trabalhos linguísticos do final do século XX, assim como os pressupostos teórico-metodológicos que dizem respeito a essa linha de pesquisa. Em seguida, os pressupostos da terceira onda da Teoria da Variação são discutidos brevemente a partir das considerações postuladas por Eckert (2012).

² Conforme mencionado anteriormente, os trabalhos que analisam a interferência da fala na escrita geralmente destinam-se ao Ensino Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir disso, selecionamos apenas o Ensino Fundamental II, a fim de verificar se os problemas relacionados à ortografia, geralmente encontrados nas séries iniciais, persistem ou não.

2.1. Labov e os primeiros passos da Sociolinguística

Ao perceber que a fala era suscetível à variação e que tinha regras específicas de mudança, contrapondo à visão bloomfieldiana de “variação livre”, Labov ([1972] 2008) desenvolveu seu primeiro estudo sobre o uso do ditongo (ay) e (aw) na ilha de Martha’s Vineyard³, na década de 70. A partir disso, o linguista acabou refutando a ideia de que a fala, algo tão instável e problemático de ser analisado por sofrer influência estrutural e social, não podia ser descrita por meio de uma ordem lógica. Ele afirma que

Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação.

(Labov, [1972] 2008: 20)

Em vista disso, fica evidente que o linguista critica o método estruturalista utilizado pelos estudiosos até então, que explicavam a variação e mudança linguísticas apenas por meio das interferências microestruturais intrínsecas de cada sistema linguístico. Diante disso, Labov cogita ser possível ordenar o “caos linguístico” a partir da consideração das características sociais como fatores que influenciam diretamente o comportamento heterogêneo de toda e qualquer língua. Sobre o comportamento da mudança linguística, Labov explica que

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua [...] como uma força social imanescente agindo no presente vivo.

(Labov, [1972] 2008: 21)

A partir disso, o autor propõe uma metodologia para trabalhar com dados naturais de fala. Tal proposta surge como forma de suprir uma lacuna existente desde os estudos saussurianos, que tomavam a fala como algo homogêneo. O olhar apresentado pelo linguista para lidar com a variação e a mudança da fala possui uma metodologia rigorosa, como a definição de variáveis (são os itens alvos de mudança, como /e/ e /o/ em posição pretônica, por exemplo) e variantes (são as formas de realização da variável, a exemplo do alçamento, /i/ e /u/) e abre uma nova perspectiva dentro dos estudos linguísticos, pois propõe a análise estatística de dados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas.

De acordo com o exposto, fica claro que os aspectos macroestruturais (regional, econômico, político, de gênero etc.) que envolvem toda e qualquer organização social interferem diretamente na variação das línguas e, conseqüentemente, no uso destas. No nível interfalante, cada variante é carregada de significado social, visto que os falantes são julgados a partir de um estereótipo inerente a ela. É importante observar também que a variação linguística ocorre no nível intrafalante (ou de uma comunidade de prática), isto é, cada falante também tem um modo próprio de fala (que chamamos de características idiossincráticas), assim como cada ouvinte tem

³ Eckert (2012) classificou, posteriormente, tal trabalho como pertencente à segunda onda da Sociolinguística Variacionista.

um modo próprio de perceber a fala em questão. Eckert (2012) se debruçou sobre esse aspecto para postular os princípios da terceira onda da Sociolinguística.

2.2. Eckert e a terceira onda da Sociolinguística

Baseando-se em uma análise de pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas no século XX, Eckert (2012) propõe uma (re)definição dessa área em três “ondas”, cujas formas de lidar com o vernáculo⁴, embora difiram entre si, não se excluem ou se sobrepõem em níveis de importância. Vale destacar que as três ondas não são enquadradas categoricamente em um espaço-temporal, de modo que trabalhos da primeira onda (que possuem a estratificação clássica proposta por Labov ([1972] 2008), por exemplo, são realizados na contemporaneidade.

A terceira onda, por sua vez, enxerga de forma diferente a relação entre a variação e as categorias sociais isoladas (sejam elas macro ou de orientação local) na medida em que acredita que os significados sociais impetrados às variantes não podem ser atribuídos fora de contextos sociais e reais de uso. Dessa forma, um significado social pode mudar de um contexto para o outro, a depender do interlocutor e da situação de comunicação. O foco desse programa de estudos sociolinguísticos não é a mudança, como os anteriores. Seu interesse é entender que informações sociais as pessoas buscam passar dentro de uma interação social e por quê (Soriano, 2015: 27).

Nesse sentido, há dois conceitos extremamente caros à terceira onda: estilo e comunidade de prática. No que diz respeito ao estilo, Eckert (2012) alega que, por meio dele, podemos identificar as diferenças no uso de determinadas variantes linguísticas de acordo com o posicionamento de quem as usa nas diversas interações sociais de comunicação que estabelecem, ou seja, há uma intenção e uma reflexão que motivam a escolha ou não do uso de uma variante de acordo com base nessas interações e na inserção dos falantes em grupos sociais.

Em relação a tais grupos sociais, trazemos à tona o conceito de comunidade de prática, que, segundo Eckert (2003: 44), é o “lócus primordial de construção estilística”. Tais comunidades têm, por seus participantes, práticas em comum que as reúnem de forma regular, como a família, os colegas de trabalho, os amigos de infância, etc. É importante mencionar que essas práticas fazem com que seus participantes compartilhem, em certa medida, do mesmo olhar para a realidade que os cercam.

Henrique (2016: 28-29) explica que a relação entre “a variação e a atribuição de significados sociais [...] podem envolver análises que lidem com a produção de informantes/indivíduos em contextos específicos, como também podem debruçar-se sobre questões ligadas a percepções sociolinguísticas de variantes fonéticas”.

Desse modo, podemos supor que os trabalhos que se enquadram nessa perspectiva, por ter um viés qualitativo mais aprofundado, podem contar com um número reduzido de informantes. Cabe ressaltar, contudo, que essa escolha depende unicamente dos objetivos do pesquisador diante do fenômeno linguístico analisado. É nesse contexto, portanto, que os trabalhos com foco na percepção de fala se inserem.

⁴ Labov (1972 apud Eckert, 2012, p. 3) defines the vernacular as the speaker’s most automatic linguistic production free of conscious interference, which is to be witnessed in the most unreflective, spontaneous, speech.

2.3. Os trabalhos sobre percepção de fala

A variação na fala pode ser detectada em diferentes níveis: intrafalante, interfalante, em nível da realização segmental, no contexto da palavra, em diversas regiões geográficas, entre outros exemplos. As abordagens tradicionais relacionadas ao estudo de percepção da fala e ao processamento da língua falada geralmente ignoram essas fontes de variação e se pautam nas descrições fonéticas abstratas, desconsiderando a variabilidade linguística que enunciados, falantes e contextos podem oferecer e, conseqüentemente, interferir na percepção.

Nesse sentido, Nygaard e Pisoni (1998) têm considerado não apenas os efeitos da variação linguística nos falantes, mas também o impacto da variação dialetal e as implicações dessas diferenças para as tarefas de processamento da língua falada, apresentando tais vertentes da Linguística não de forma segregada, como ocorria anteriormente, mas tomando-as como complementares entre si. A proposta deste trabalho, portanto, enquadra-se na terceira onda da Sociolinguística, pois trata da percepção de fala por ouvintes no contexto escolar.

Para a construção da metodologia desta pesquisa, elencamos os trabalhos desenvolvidos por Lopes (2012), Oushiro (2015) e Henrique (2016), visto que, embora não se ocupem em investigar questões voltadas à aprendizagem da escrita, todos apresentam foco na compreensão da percepção de fala em comunidades linguísticas distintas. Além disso, as três pesquisas atentam para a necessidade do rigor metodológico, como o controle das variáveis e dos elementos suprassegmentais, a fim de obter resultados mais confiáveis nas análises estatísticas.

3. CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

A partir da perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN do Ensino Fundamental (1997) e sob o respaldo de Bortoni-Ricardo (2004), de Faraco (2012) e de Roberto (2016), nesta seção é discutida a importância de se considerar a variação linguística no contexto do ensino de língua materna.

3.1. A Sociolinguística e a sala de aula: entre teorias e práticas

Sabe-se que, desde o século XX, as discussões da Sociolinguística têm chegado à academia e às escolas, contribuindo com uma nova concepção de ensino de língua materna, embora alguns equívocos ainda sejam cometidos. Nesse sentido, os PCN têm um papel significativo, pois propõem que professor de língua materna desenvolva novos objetivos e metodologias como meio de potencializar as competências linguísticas dos educandos. Acerca do uso da língua oral e escrita, os documentos afirmam que

Não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala

“errada” dos alunos —por não ser coincidente com a variedade lingüística de prestígio social— com a esperança de evitar que escrevessem errado

(Brasil, 1997: 38)

Sobre o exposto, fica evidente que a Teoria da Variação é uma das teorias que fundamentam os PCN. Entretanto, isso não é suficiente, considerando a possibilidade de o professor de LP não conhecer tal documento, muito menos as discussões que circundam essa teoria. Isso explica, parcialmente, o fato de ainda termos alguns profissionais que não consideram a distinção entre língua falada e escrita, tomando-as como sinônimos, o que afeta a metodologia do docente e, conseqüentemente e de forma mais grave, o desempenho do estudante.

Outro ponto importante a ser discutido é a relação entre o processo de leitura e o de escrita. Embora sejam de naturezas distintas, eles são complementares, uma vez que ser exposto a diversos usos lingüísticos, nos mais diversos contextos de interação, pode ampliar o letramento do discente. Mais uma vez, cabe ressaltar a importância da mediação do professor, que deve pautar o ensino da ortografia em duas premissas:

- a inferência dos princípios de geração da escrita convencional, a partir da explicitação das regularidades do sistema ortográfico (isso é possível utilizando como ponto de partida a exploração ativa e a observação dessas regularidades: é preciso fazer com que os alunos explicitem suas suposições de como se escrevem as palavras, reflitam sobre possíveis alternativas de grafia, comparem com a escrita convencional e tomem progressivamente consciência do funcionamento da ortografia);
- a tomada de consciência de que existem palavras cuja ortografia não é definida por regras e exigem, portanto, a consulta a fontes autorizadas e o esforço de memorização.

(Brasil, 1997: 57)

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2004) acredita que, ao se deparar com uma regra não padrão utilizada pelos discentes, o professor de LP deve intervir, a partir de duas perspectivas: identificação e conscientização. A primeira se dá por meio do reconhecimento da regra que o educando não realizou; para isso, é de suma importância que o professor tenha ciência desse processo de regras. A segunda, por sua vez, depende da primeira, pois o docente, após a identificação, deve fazer com que o aluno se atente ao processo que ele (não) realizou, a fim de que ele compreenda as regras ortográficas e coloque-as em sua prática de escrita.

A linguista salienta, ainda, a importância de o professor atentar para o contexto do discente, considerando e respeitando as suas características culturais e psicológicas, buscando não constranger ou minimizar o conhecimento que ele traz de sua comunidade de fala. Pelo que pudemos observar, a autora se refere à fala e seus contextos de uso, mas isso não impede que ampliemos a discussão apresentada para situações que envolvem língua falada e escrita.

Do mesmo modo, Roberto (2016) defende que o professor não pode se abster de ser ativo no processo de mediação, uma vez que é ele quem conscientiza os alunos sobre o conhecimento que eles possuem através do processo de reflexão do uso da própria língua, seja ele oral ou escrito, isto é, o professor deve fazer o aluno ter consciência fonológica. A autora também explica que o “fracasso escolar” pode, dentre outros fatores, advir das posturas relutantes desses profissionais em considerar as novas teorias como forma de melhorar suas metodologias. Para

isso, é de suma importância que as discussões realizadas na academia cheguem ao ambiente escolar de maneira mais eficaz.

Em relação ao ensino de ortografia e sua relação com a oralidade, Roberto (2016) afirma que

[...] mesmo passado o período inicial de alfabetização, o apoio na oralidade, reflexo de pouca leitura e desconhecimento do registro gráfico de algumas palavras, bem como o desconhecimento da regra na relação fonográfica [...] se manifestarão na escrita desviante. Os casos de relações irregulares, aliás, seguem ao longo de toda a jornada escolar e, ainda, na fase adulta, sempre que uma palavra nova surge. Preocupa é que relações regulares continuem a manifestar-se com registro equivocado após os primeiros anos de escolaridade, o que denuncia problemas no processo de ensino e aprendizagem da ortografia. Lamentável é que esses mesmo desvios ortográficos sejam interpretados, na maior parte dos casos, como um problema associado à incompetência do aprendiz.

(Roberto, 2016: 162)

Reitera-se, mais uma vez, a importância do professor no processo de mediação do ensino de língua materna, além de ser possível questionar o seguinte: mesmo sabendo que o ensino de LP passa por problemáticas, será que a transferência da fala para a escrita, mesmo com um professor que conscientize os discentes das diferenças entre oralidade e escrita, não se dá, também, pela interferência da percepção da variação linguística?

A respeito da variação das vogais médias pretônicas, Bortoni-Ricardo (2004: 80) além de afirmar que “é muito importante observar que as vogais médias /e/ e /o/ são geralmente pronunciadas /i/ e /u/ em sílabas átonas, pretônicas ou postônicas”, menciona o processo de abaixamento dessas vogais nas comunidades de fala nordestinas. Nesse contexto, a autora fala apenas sobre a dificuldade que os alunos têm em representar as vogais e os ditongos nasais, mas vale destacar, aqui, que o processo de harmonia vocálica pode ser tão complexo de ser grafado pelo discente quanto o processo de nasalização, necessitando de um olhar empático do docente no que diz respeito aos erros ortográficos que os discentes cometem.

Ainda sobre a variação indicada anteriormente e sua relação com a ortografia, Faraco (2012: 154-155) explica que a utilização de uma das variantes (aberta, fechada ou alta) oscila, aparentemente, conforme o grau de formalidade da fala. O problema consiste na utilização da vogal alta em posição pretônica, pois “costuma trazer problemas para o alfabetizando (ele tende a escrever *minino* e *curuja*). A superação dessa dificuldade inicial passa certamente pela percepção dos casos em que oscilamos na pronúncia”.

É justamente por isso que este trabalho busca investigar de que modo o processamento da língua falada pode interferir no aprendizado de uma língua escrita. Ora, se os trabalhos de percepção de fala têm mostrado que os julgamentos dos ouvintes em relação a um falante podem ser positivos ou não em relação às características sociais e psicológicas deste, é possível acreditar que a percepção de variáveis distintas pode interferir diretamente no processo de escrita do aluno.

4. AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB): PRODUÇÃO E PERCEPÇÃO

Nesta seção, serão expostos alguns trabalhos que caracterizaram as vogais médias pretônicas no Português Brasileiro (PB) ou objetivaram analisar o comportamento dessas variáveis em nossa língua. Elenca-se, portanto, os trabalhos de Câmara Jr (1970), Bisol (1981), Pereira (1997) e Schüller (2013) a fim de discutir a ocorrência desse fenômeno linguístico na comunidade pessoense.

4.1. O sistema vocálico do português brasileiro

Diferentemente das consoantes, as vogais são conhecidas por não possuírem obstrução da passagem de ar no trato vocal e podem ser classificadas em orais ou nasais⁵. O primeiro caso ocorre quando o ar sai apenas pela cavidade bucal; o segundo, quando o ar sai, ao mesmo tempo, pelas cavidades bucal e nasal. Desse modo, tomando como base a fonologia estruturalista e o “sistema vocálico triangular” proposto inicialmente por Trubetskoy, Câmara Jr. (1970) definiu as vogais do PB em baixas, médias e altas. As vogais médias, por sua vez, podem ser de 1º grau, quando abertas, ou de 2º grau, quando fechadas⁶. Vejamos o quadro abaixo:

altas	/u/		/i/
médias	/o/		/e/
baixa		/a/	
	posteriores	central	anteriores

Quadro 1 – Vogais pretônicas
Fonte: Câmara Jr., 1970: 43

Consoante o que foi explicitado anteriormente, as vogais médias, quando em posição pretônica, sofrem variação, podendo ser produzidas de três formas distintas: /e/ e /o/, respectivamente, como [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u]. A caráter de exemplificação do quadro acima, tomemos os seguintes exemplos: 1) alteamento – r[i]alce, c[u]ruja 2) manutenção – r[e]alce, c[o]ruja e 3) abaixamento – r[ɛ]alce, c[ɔ]ruja. Sabendo das possibilidades de produção das vogais médias /e, o/ em posição pretônica, é interessante partirmos para as características físicas que cada uma possui, visto que a diferenciação entre elas se dá através de aspectos sutis, como anterioridade e posterioridade da língua, por exemplo.

⁵ De acordo com Câmara Jr (1970), as vogais nasais inexistem no PB. O que existe é o espriamento do traço de nasalidade das consoantes nasais para as vogais por meio de assimilação regressiva, como por exemplo, em b[a]nana, m[e]nino e b[o]neca, fazendo com que o F1 da vogal fique menor.

⁶ Barbosa e Madureira (2015) caracterizam as vogais de 1º grau como semiabertas; as de 2º, semifechadas.

4.2. Vogais médias pretônicas: produção

Tal fenômeno variável foi estudado no PB, inicialmente, por Bisol (1981), no Rio Grande do Sul – RS. Segundo a autora, a instabilidade encontrada na fala popular e culta⁷, em relação à harmonização do uso das vogais médias em posição pretônica, é uma herança do Português Europeu (PE). O trabalho se propôs a investigar, por meio de entrevistas e testes e sob uma perspectiva sincrônica, a frequência do processo fonológico mencionado pelos falantes gaúchos.

Acerca do processo de harmonia vocálica, Bisol (1981: 119) afirma que “é, em sua essência, uma regra de condicionamento fonológico”. Em outras palavras, a autora explica que ele ocorre devido à influência de uma vogal alta na sílaba seguinte (como /i, u/) e independe da tonicidade da palavra, podendo ocorrer, conseqüentemente, em qualquer sílaba e em qualquer vogal da palavra. Portanto, “a redução das átonas está diretamente ligada ao enfraquecimento da sílaba” (Bisol, 198: 30).

A pesquisa de Pereira (1997), por sua vez, teve como lócus de investigação a cidade de João Pessoa – PB. A autora expõe que “o princípio da harmonização vocálica é estudado não só em função da elevação a que as vogais se submetem, mas também como responsável de timbre fechado e aberto” (1997: 43) e que a realização das médias abertas é recorrente em Natal – RN e Salvador – BA.

Em relação a esse processo, foi comprovado que as vogais /i, u/ na sílaba seguinte são as maiores condicionadoras da realização das variáveis nos três níveis de posição das vogais médias pretônicas, sendo a vogal anterior /o/ mais propensa à abertura do que a posterior /e/ (como em v[ɛ]getal e vel[ɔ]rio), sendo a variante aberta categórica na sílaba anterior /ɔ/ (como em c[ɔ][ɔ]car). Além disso, a autora afirma que as variantes abertas [ɛ] e [ɔ] são as mais recorrentes, seguidas das elevadas [i] e [u] e das fechadas [e] e [o] na comunidade de fala pessoense.

Acerca dos contextos fonológicos e sua influência na produção das variáveis mencionadas na fala pessoense, a autora destaca, como favorecedores para [ɛ] a vibrante posterior como contexto precedente e seguinte; para [ɔ], a palatal e a alveolar precedentes e a sibilante seguinte. Para a manutenção, a palatal precedente favorece [e] (como em “jejum”), enquanto a vibrante posterior precedente e a palatal seguinte favorecem [o] (como em “rosnar”). Já para a elevação das variantes, tem-se como favorecedor o contexto labial como precedente, além da sibilante no contexto seguinte (como em “bexiga” e “bochecha”). Quanto às variáveis extralinguísticas, são as mulheres entre 26 e 49 anos e os universitários que mais favorecem a manutenção das variáveis dependentes, que são as de maior prestígio em nossa comunidade de fala.

Entretanto, sabe-se que cada variante possui um significado social que muitas vezes leva o falante a optar, conscientemente, pelo uso de uma dessas duas variáveis. Na comunidade de fala de João Pessoa, conforme tem-se discutido, sabe-se que, embora o uso mais frequente seja o das vogais médias baixas, as outras variáveis também são utilizadas, o que leva a acreditar que os resultados dos testes de percepção aplicados apresentam uma grande aceitação das variáveis médias fechadas, principalmente pelo fato de os informantes ainda estarem em processo de “estabilização” da variação linguística utilizada.

⁷ Bortoni-Ricardo (2004) propõe a norma culta do PB a partir de três *continuum*: urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística.

4.3. Vogais médias pretônicas: percepção

Conforme mencionado anteriormente, trabalhos que tomam como foco a percepção da fala vêm crescendo ao longo dos anos, embora ainda sejam escassos no Brasil. Sobre a percepção das vogais médias em posição pretônica, o trabalho de Schüller (2013) é citado, e este teve como objetivo verificar a percepção de falantes nativos de PB, das vogais médias altas e altas, em posição pretônica, que sofreram os processos de harmonia e/ou de alçamento.

O trabalho desenvolvido pelo pesquisador mencionado se assemelha a este em relação ao número de informantes, o que ratifica a discussão apresentada na seção 1.3 deste estudo. Foram selecionados 40 informantes, sendo 20 do sexo masculino e 20 do sexo feminino, estratificados de acordo com a escolaridade, idade e naturalidade. O teste de identificação consistia em ouvir uma palavra e, marcar, na tela do computador, a vogal que mais se assemelhava à sílaba que sofria o processo de HV ou AV. Os estímulos da pesquisa foram gravados por quatro falantes gaúchos, sendo dois homens e duas mulheres, todos do curso de Letras Português. No total, os ouvintes foram submetidos a “60 palavras que sofrem o processo de harmonia vocálica ou de alçamento vocálico no PB, 60 palavras que não sofrem o processo de harmonia vocálica ou de alçamento vocálico no PB, além 20 de palavras distratoras, totalizando 140 palavras” (Schüller, 2013: 32)⁸.

No que concerne aos resultados, foi identificado que os ouvintes, em relação à percepção da vogal média pretônica, em contexto de HV, obtiveram 70,8% de acerto; em contexto de AV, 69,6%. Não houve diferença significativa entre as vogais altas [i] e [u]. Já a percepção da vogal pretônica, em contexto de HV, porém sem a aplicação deste processo para /e, o/ em posição pretônica, os ouvintes obtiveram 96,9% de acerto; em contexto de AV, 93,4%. Assim como para as vogais altas, não houve diferença significativa na percepção das vogais médias pretônicas [e] e [o].

Por fim, Schüller (2013) comprova que não houve 100% de acerto das vogais médias [e] e [o] em contexto de HV ou AV, nem das vogais altas [i] e [u] que resultaram desses processos. Acredita-se que, nesse caso, caberia uma análise qualitativa ou outro teste que buscasse compreender a identidade dos ouvintes, pois o “não acerto” pode ser um indício de preferência de fala dos informantes que participaram do teste, ou seja, mesmo reconhecendo as variantes média e alta, os informantes selecionavam uma divergente da que lhe era apresentada simplesmente por não se identificar com aquele uso.

5. ASPECTOS METODOLÓGICOS⁹

O trabalho exposto aqui é de natureza qualitativa e quantitativa, pois 1) toma testes estatísticos como um dos métodos de análise dos dados empíricos coletados e 2) objetiva descrever e implementar análises sobre possíveis diferenças entre as percepções das vogais médias em posição pretônica e a sua relação com a aquisição da língua escrita.

⁸ A gravação dos estímulos tomou como base a proposta de Barbosa e Madureira (2015).

⁹ Para a descrição metodológica completa, ver Nascimento (2017). Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3259/1/ICN05122017.pdf>.

Dividida em três partes, esta seção expõe, inicialmente, a caracterização do teste de percepção, apontando a variável dependente a ser analisada e as independentes a serem controladas. Em seguida, é apresentado o *corpus* linguístico utilizado para o desenvolvimento desse trabalho e, por fim, a descrição do método de análise estatística utilizado para a obtenção dos resultados.

5.1. A confecção dos testes de percepção

A montagem do experimento e o método de análises estatísticas apresentado foram baseados nos trabalhos desenvolvidos por Lopes (2012), Oushiro (2015) e Henrique (2016). Para responder ao questionamento sobre a existência de diferença entre as vogais médias /e, o/ em posição pretônica, foi solicitado inicialmente que o estudante escrevesse uma palavra que sofre o processo de harmonia vocálica após escutá-la. Optou-se primeiramente por esse teste, pois, no contexto dos estímulos apresentados, os processos de HV ou AV são recorrentes ou possíveis na comunidade de fala investigada.

Por fim, aplicamos um questionário socioeconômico a fim de embasar a análise qualitativa dos resultados. É importante esclarecer que optamos por fazer o questionário no *Word* a fim sanar possíveis dúvidas no momento da realização deste.

5.1.1. A gravação dos estímulos

Em relação à confecção dos estímulos, foram gravadas três pronúncias de um grupo de 8 palavras por uma falante pessoense, moradora da Zona Sul da cidade, universitária e que se enquadra na faixa etária de 15 a 25 anos. Ela foi escolhida não apenas devido à sua disponibilidade para as gravações, mas também por ser filha de pessoenses e nunca ter se ausentado da cidade por mais de dois anos, um dos critérios propostos por Labov [2008 (1972)] para se tomar a fala de um indivíduo como representação de uma comunidade linguística. Além disso, a lista de palavras foi gravada por apenas uma informante, dado que todos os estímulos (24 no total) deveriam ser multiplicados pelo número de informantes a fim de garantir que não houvesse interferência idiossincrática de cada um deles na percepção dos ouvintes. A extensão do teste, portanto, ficaria comprometida, pois duraria mais tempo e isso poderia influenciar na atenção dos estudantes.

A gravação dos estímulos aconteceu no Laboratório de Variação Linguística da Paraíba (VALPB), ambiente com ruído inferior a 50 dB, a partir de um gravador portátil, marca Tascam, modelo DR-2d, com precisão de gravação de 24bit / 96kHz. A taxa de amostragem do gravador foi ajustada para 44.100 KHz no momento da coleta e o microfone foi posicionado a 5 cm da boca da informante.

As palavras que compunham o roteiro de gravação foram escolhidas para abranger contextos que influenciavam os processos de HV ou AV nas vogais médias em posição pretônica. Para cada palavra do quadro apresentado à informante, portanto, foram realizadas três repetições em uma gravação, sendo três gravações distintas com as três produções possíveis para /e/ e /o/: uma com a pronúncia aberta, uma com a pronúncia fechada e uma com a pronúncia alta.

Palavra	Vogal	Cont.fon. prec.	N. de Síl.	Cat. Gram.	Vog. síl. seg.	Dist. da síl. Tônica
Pepino	E	[p] – labial	Trissílabo	Substantivo	i	contígua
Seguro	E	[s] - alveolar	Trissílabo	Adjetivo	u	contígua
Depressa	E	[d] – linguo-dental	Trissílabo	Adjetivo	ɛ	contígua
Esporte	E	[ø]	Trissílabo	Substantivo	ɔ	contígua
Comício	O	[k] – velar	Polissílabo	Substantivo	i	contígua
Noturno	O	[ŋ] – linguo-dental	Trissílabo	Adjetivo	u	contígua
Bolero	O	[b] – labial	Polissílabo	Substantivo	ɛ	contígua
Oposto	O	[ø]	Trissílabo	Adjetivo	ɔ	contígua

Quadro 2 – Lista de estímulos.
 Fonte: Nascimento, 2017: 42-43

Com base no quadro acima, é importante enfatizar que, pelo fato de os discentes terem escutado todos os estímulos, os resultados apresentados na seção 5 não sofreram influência de uma variável sobre a outra.

5.1.2. A edição dos estímulos

Conforme mencionado anteriormente, foi solicitado que a informante realizasse as três variáveis das vogais médias em posição pretônica para que pudéssemos homogeneizar os contextos precedente e seguinte dos estímulos e a edição ficasse o mais natural possível. Após normalizarmos os áudios no programa SoundForge 10.0, por meio da aplicação da função “normalize - 6dB”, utilizamos o programa *Praat*¹⁰ para a edição das vogais (sendo controlados F1, F2 e F3) e do tempo de duração do estímulo.

5.2. Definição das variáveis

As variáveis dependentes deste trabalho oscilam a depender do teste e dos resultados a serem extraídos. Em alguns testes, foram selecionamos como variável dependente as vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica, que têm como variantes, respectivamente, [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u], como por exemplo, “p[ɛ]squiza / p[e]squiza / p[i]squiza” e “pr[ɔ]posta / pr[o]posta / pr[u]posta”; em outros, selecionou-se a pronúncia dos falantes pessoenses, por exemplo. Em relação às variáveis independentes, temos dois grupos: as linguísticas (ou estruturais, que dizem respeito aos aspectos inerentes à língua) e as extralinguísticas (ou sociais, que dizem respeito a aspectos da sociedade que podem interferir na forma como a língua é utilizada).

¹⁰ Disponível em: www.praat.org. Acesso em: 25 jul. 2019.

Como variáveis linguísticas, foram controladas: 1) o contexto fonológico precedente às vogais médias pretônicas, sendo elas: alveolar, labial, linguodental, velar e o zero fonético. Cada contexto mencionado precede, igualmente, /e/ e /o/; 2) a vogal da sílaba seguinte às vogais médias pretônicas, sendo elas [ɛ, i, ɔ e u], sucedendo, igualmente, /e/ e /o/. Quanto às variáveis extralinguísticas, controlamos: 1) o ano escolar (restringimo-nos apenas aos anos do Ensino Fundamental II); 2) o tipo de escola (pública) e 3) o sexo (feminino e masculino).

5.3. O corpus

O *corpus* linguístico utilizado para esta pesquisa é composto por 160 palavras escritas por 40 estudantes entre o 6º e o 9º anos de uma escola pública da cidade de João Pessoa – PB. Eles estão assim estratificados:

Sexo	Feminino	20 alunos
	Masculino	20 alunos
Escolarização	6º ano	10 alunos
	7º ano	10 alunos
	8º ano	10 alunos
	9º ano	10 alunos

Quadro 3: Estratificação dos informantes. Fonte: Nascimento (2017).

5.4. Método de análise

Conforme dito inicialmente, este trabalho utiliza uma abordagem quanti-qualitativa. Para a análise quantitativa das respostas dos estudantes foi utilizado o programa R (R Core Team, 2013)¹¹. Os resultados encontram-se na seção a seguir.

¹¹ O R é uma linguagem de programação voltada à análise de dados, que pode ser utilizada para realizar computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas. Uma de suas principais vantagens é o fato de ser gratuito e estar disponível para uma variedade de plataformas (UNIX, Windows e MacOS). Sendo uma linguagem de programação, o R permite que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar e, consequentemente, tenha maior controle sobre os resultados obtidos. Isso significa, no entanto, que ao invés de clicar em botões com funções limitadas e pré-definidas, o usuário normalmente define as funções que deseja executar através de linhas de comando, que instruem o programa sobre o que fazer. Uma sequência de linhas de comando chama-se *script* ou *código* (Oushiro, 2014: 134 *apud* Henrique, 2016: 66).

6. A PERCEÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS E A ESCRITA: RELAÇÕES INTRÍNSECAS

Inicialmente, é importante esclarecer que o tratamento estatístico para a obtenção dos dados foi limitado, uma vez que o *corpus* é pouco robusto. Por esse motivo, as variáveis “contexto fonológico precedente” e “contexto fonológico seguinte” foram descartadas, o que não impede de serem utilizadas em uma pesquisa futura.

O primeiro resultado, disposto no Gráfico 1, refere-se à taxa de erro e acerto de acordo com a escolaridade dos discentes.

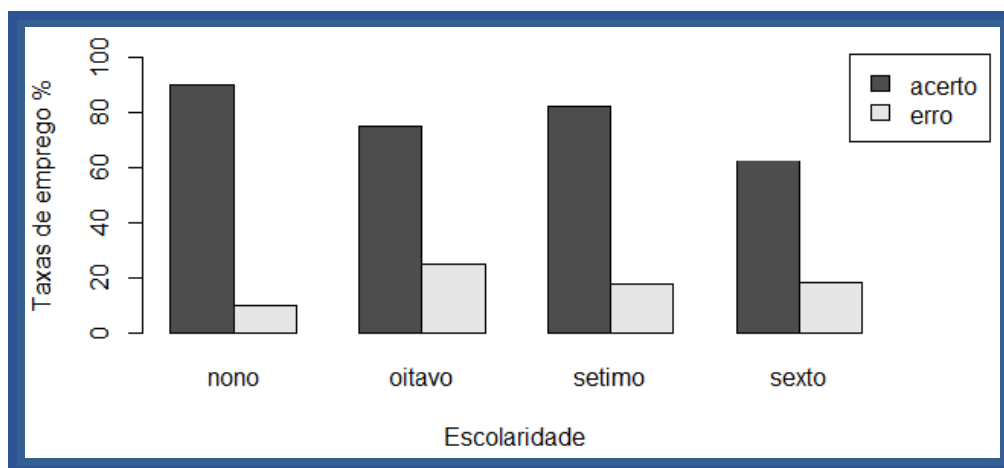


Gráfico 1 - Erros e acertos de acordo com a escolaridade
Fonte: pesquisa direta, 2017.

Acerca dos resultados apresentados no gráfico acima, é importante que duas considerações sejam feitas. A primeira é que, mesmo com uma diferença pequena, o nível de acerto do 8º para o 9º ano aumenta, levando a ver, mesmo que minimamente, um resultado positivo da transposição da Sociolinguística para a sala de aula. A segunda é que a hipótese de que os ouvintes nativos sofrem, na escrita, influência da variação da percepção de fala parece ser verdadeira, posto que todas as séries, com diferenças pouco significativas, erraram a escrita das palavras ouvidas. Com relação à hipótese de que, à medida que os estudantes avançassem no nível de escolaridade, o acerto das palavras escritas aumentaria consideravelmente, os resultados foram ao encontro do que foi hipotetizado.

Diante disso, é preciso questionar-se: quais as mudanças que a Sociolinguística Variacionista tem provocado em sala de aula? Será que todos os professores de língua materna têm acesso às discussões sobre essa teoria? Pelos resultados obtidos, acreditamos que tal acesso até pode estar ocorrendo, mas de forma deficitária, porque erros ortográficos como os apresentados não deveriam ocorrer nos anos finais do Ensino Fundamental II. A instrução formal acerca da diferença entre oralidade e escrita, que deveria ser feita pelos professores de LP ao longo dos anos de escolaridade dos discentes, seria um meio para conscientizá-los sobre o que Faraco (2012) expõe:

Quando podemos dizer a mesma palavra com /i/ ou /e/, grafamos com *e*; quando podemos dizer com /u/ ou /o/, grafamos com *o*. Os principais contextos em que ocorre essa oscilação: Palavras que têm /i/ ou /u/ na sílaba forte (o chamado fenômeno da harmonia vocálica): *seguro, coruja, menino, cortina*.

(Faraco, 2012: 155)

Segundo o autor, fica claro que a instrução formal, mencionada anteriormente, é um dos meios de o professor fazer com que o discente se conscientize sobre as regras ortográficas de sua língua, o que pode contribuir com a melhora de sua escrita. Outro meio de levar o aluno a essa compreensão é trabalhar atividades de reescrita de diversos gêneros textuais, pois o aluno observará a inadequação ortográfica cometida e, conseqüentemente, poderá refletir sobre o erro cometido no texto, possibilitando uma maior consciência do uso escrito de sua língua materna.

O gráfico abaixo expõe as taxas de erro e acerto de acordo com o estímulo escutado.

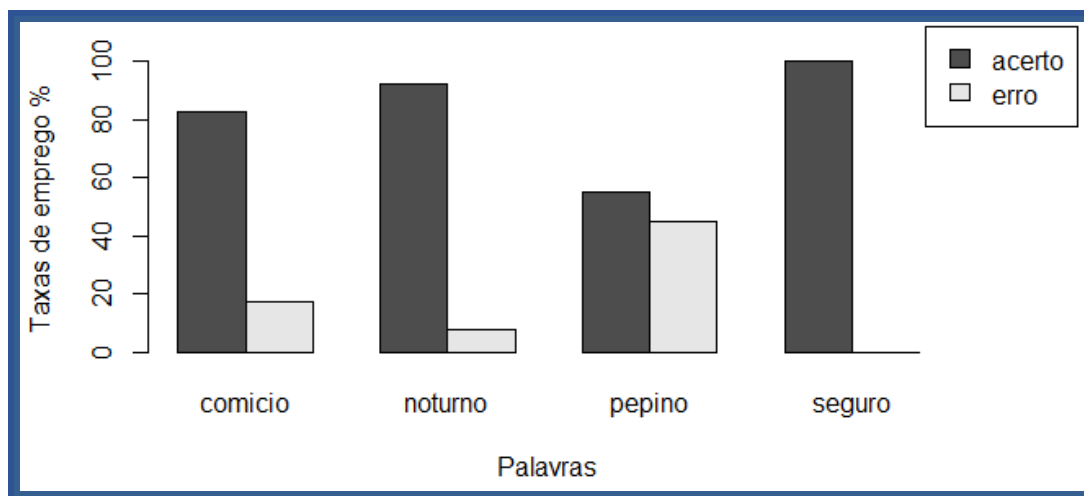


Gráfico 2 - Erros e acertos de acordo com a palavra
Fonte: pesquisa direta, 2017.

No gráfico acima, percebe-se que a vogal alta anterior, quando em posição tônica, exerce uma influência maior em relação ao erro ortográfico. Se isso ocorre, é porque a saliência fônica dessa harmonia vocálica é pouco percebida. Esse erro dá indícios, também, do que é mais aceitável, em termos de produção, na capital paraibana: a harmonia vocálica da vogal média pretônica com a vogal alta posterior em posição tônica pode ser mais recorrente do que com a vogal alta anterior. Entretanto, isso só pode ser confirmado a partir de mais dados de produção.

Além disso, o resultado acima leva a um questionamento: por que a palavra “seguro” não apresentou nenhum erro de escrita, mesmo tendo a vogal média anterior em posição pretônica, como “pepino”? Acredita-se que isso pode ocorrer pelo fato de o alicamento da vogal ocorrer por item lexical, e não pelo contexto da palavra.

Por fim, o gráfico 3 expõe as taxas de erro e acerto de acordo com a vogal pretônica.

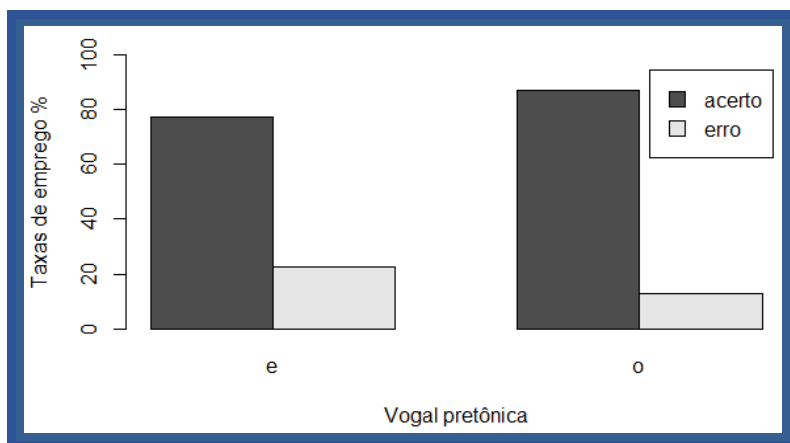


Gráfico 3 - Erros e acertos de acordo com a vogal pretônica
Fonte: pesquisa direta, 2017.

O gráfico acima confirma uma diferença acústica: se o erro ocorreu mais para a vogal média anterior do que para a posterior, isso indica que, acusticamente, a diferença dos formantes de /ɛ/ a /i/ é maior do que /ɔ/ a /u/, como expõe o quadro a seguir, fazendo com que a diferença entre as variantes média baixa, média alta e alta da vogal média posterior seja menos percebida.

Vogal	F1	F2
i	354	2501
e	459	2343
ɛ	678	2106
a	967	1563
ɔ	667	1117
o	480	979
u	366	837

Quadro 4 – Médias geométricas de frequência dos dois primeiros formantes das vogais em Hertz para quatro falantes brasileiras
Fonte: Barbosa e Madureira (2015: 306 *apud* Nascimento, 2017: 34).

Os resultados sobre o acerto e o erro da escrita dos estímulos de acordo com os informantes encontram-se na tabela a seguir:

Sexo	Acerto	Erro
Feminino	4 informantes (20%)	16 informantes (80%)
Masculino	2 informantes (10%)	18 informantes (90%)

Quadro 5 – Estratificação de informantes de acordo com acerto ou erro em relação à palavra escrita¹²
 Fonte: pesquisa direta, 2017

Conforme exposto acima, apenas 6 (15%) dos 40 participantes conseguiram acertar a escrita de todos os estímulos, o que foi surpreendente, pois acreditava-se que todos os itens lexicais selecionados para o teste eram usados comumente no cotidiano dos discentes. Entretanto, pode-se atribuir o grande nível de erro à palavra “bolero”¹³, pois apenas 6 informantes obtiveram êxito em sua escrita. Isso pode ser explicado pelo fato de os discentes terem escutado o processo de AV em uma palavra em que o mais provável de ocorrer seria a HV, ou seja, a vogal pretônica seria aberta em detrimento da tônica. Diante disso, infere-se aqui que, provavelmente, houve uma influência desse vocábulo no resultado obtido, porém tal hipótese só pode ser testada por meio da análise de um *corpus* mais robusto.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se observar as pesquisas desenvolvidas com base na Sociolinguística Variacionista, é importante mencionar que esta teoria tem contribuído positivamente com a descrição das línguas e com a melhoria no ensino destas, pois levou à ampliação das discussões acerca da relação entre oralidade e escrita no âmbito acadêmico. Isso fez com que a escola e, em consequência, os professores pudessem repensar os seus métodos a fim de contribuir com o desempenho dos discentes, buscando alcançar resultados mais significativos. No entanto, conforme discutido ao longo deste trabalho, é preciso reconhecer que ainda há uma lacuna no que tange aos estudos que investigam a percepção de pistas acústicas como fator que interfere na escrita.

A pesquisa realizada se insere na terceira onda da Sociolinguística Variacionista, uma vez que busca compreender a influência da percepção das vogais médias pretônicas, em contextos de alçamento vocálico, por estudantes de João Pessoa – PB. Conforme discutido, pôde-se constatar a relação entre oralidade e escrita, bem como a influência da percepção de fala no processo de escrita, pois foi identificado, a partir da escrita dos estímulos escutados, que os discentes, em todas as séries, cometeram erros ortográficos. Outro ponto que merece destaque é

¹² Consideramos como acerto apenas as respostas dos estudantes que escreveram as 8 palavras de acordo com a norma padrão do PB.

¹³ Ver Quadro 1, página 41.

que, embora os erros ortográficos reduzam à medida que os discentes avançam na escolaridade, a taxa de erro do 8º (30%) e do 9º (15%) anos do Ensino Fundamental, considerada alta, não era esperada. Isso não deveria ser recorrente, em tese, principalmente depois da inserção da Sociolinguística nos livros didáticos (LD) e, conseqüentemente, na sala de aula, espaço em que a reflexão sobre o uso escrito de LP deveria ser mais presente. Cabe ressaltar, novamente, a necessidade de o professor ter consciência da teoria e de efetivamente transpô-la para a prática escolar, a fim de desenvolver um trabalho mais adequado no que tange tais questões.

De modo geral, acredita-se que esta pesquisa mostra a contribuição dos estudos fonético-fonológicos para o ensino de língua materna, auxiliando não apenas a compreender os processos de percepção de fala que estudantes em fase de “estabilização” de sua variedade linguística têm em relação aos processos de alçamento vocálico em relação à língua materna, mas também incentivar o professor de LP a repensar e a redefinir sua prática metodológica a partir dos postulados da Teoria da Variação, contribuindo, portanto, com a melhoria do ensino. É necessário e urgente que tais discussões ultrapassem os muros acadêmicos e direcionem o seu olhar à Educação Básica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amorim, A. W. D. 2017. *A percepção da palatalização das oclusivas dentais por ouvintes pessoenses*. Universidade Federal da Paraíba. Monografia, 77f. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3301/1/AWDA01122017.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.
- Brasil. Mec. 1997. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> Acesso em: 15 out. 2017
- Bisol, L. 1981. *Harmonização vocálica uma regra variável*, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese Doutorado em Linguística (inédita)
- Bortoni-Ricardo, S. M. 2004. *Educação em língua materna: Lopes* São Paulo, Parábola.
- Camara Jr., J. M. 1970. *Estrutura da língua portuguesa*. 1.ed. Petrópolis, Vozes.
- Eckert, P. 2012. *Three Waves of Variation Study: The emergence of meaning in the study of variation*. Oxford, Blackwell Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/89d3/de3d9d756fd39cd0b2b1270c309feb4a49a7.pdf>. Acesso em: 01 set 2017.
- Faraco, C. A. 2012. *Linguagem, escrita e alfabetização*. São Paulo, Contexto.
- Henrique, P. F. de L. 2016. *A percepção da fricativa coronal em coda medial por pessoenses*. Universidade Federal da Paraíba, Dissertação Mestrado. 96f. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8888/2/arquivototal.pdf> Acesso em: 15 nov. 2017.
- Labov, W. 2008 [1972]. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso, São Paulo, Parábola].
- Lopes, L. W. e W. T. L. Andrade. 2012. Fonética, in D. Hora e J. R. Pedrosa (Org.) *Introdução à fonologia do português brasileiro*, João Pessoa, UFPB: 13-32.
- Lopes, L. W. 2012. *Preferências e atitudes dos ouvintes em relação ao sotaque regional no telejornalismo*. Universidade Federal da Paraíba, Tese de Doutorado (inédita).
- Nascimento, I. C. 2017. *A percepção das vogais médias pretônicas por estudantes do ensino fundamental II e o ensino de língua portuguesa*. Universidade Federal da Paraíba. Monografia. 66f. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3259/1/ICN05122017.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.
- Oushiro, L. 2015. *Identidade na pluralidade. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/publico/2014_LiviaOushiro_VCorr.pdf. Acesso em: 11 nov. 2018.
- Roberto, T. M. G. 2016. *Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório*. São Paulo, Parábola Editorial.

- Pereira, R. C. M. 1997. *As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano*. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. Dissertação Mestrado. Disponível em: https://issuu.com/valpb/docs/uma_analise_variacionista_das_voga. Acesso em: 11 nov. 2018.
- Schüller, J. N. 2013. *A percepção de vogais médias pretônicas e sua relação com os processos de harmonia e de alçamento vocálico*. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS. Dissertação Mestrado. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/291/1/jones.pdf>. Acesso em: 01 set 2017.
- Soriano, L. G. M. 2015. *Percepções sociolinguísticas sobre o /-r/ em São Paulo*. Relatório de qualificação de Mestrado. Universidade de São Paulo. (inédito).